



Os Kaingang e a relação com a natureza - entrevista com Rosimeire Barbosa

Nesta entrevista, Rayane Barbosa, graduanda do curso de pedagogia pela Unicamp, artista e pesquisadora do grupo multiTÃO do Labjor da Unicamp, conversa com Rosimeire Barbosa, Goiowe, indígena da etnia Kaingang e Terena. Rosimeire é professora das disciplinas de código e linguagem, saberes tradicionais e da língua indígena Kaingang, na escola indígena Índia Vanuíre em Tupã, São Paulo.



Desenho de Rayane Barbosa Kaingang

ClimaCom - Rayane Barbosa*

Na minha época escolar, o contato com a educação territorializada se fortaleceu a partir das práticas pedagógicas, através do preparo de artesanatos e das histórias contadas por professores e pelos



mais velhos. Foi a partir desse movimento que aprendi a escutar e praticar um diálogo com as formigas, o beija-flor e o milho, elementos que fazem parte da cosmologia Kaingang. É a partir desse movimento que trago na minha escrita uma educação voltada ao diálogo com o território e saberes. Na posição de professora e liderança você poderia nos dizer como traz as plantas, rios e toda a diversidade cultural a participarem de suas aulas?

Rosimeire Goiowe

Eu prezo muito por dar continuidade ao aprendizado dos meus estudantes a importância e a valorização da nossa cultura seja ela tanto com os animais, alimentação e o mais importante: o saber a nossa história, a história do nosso povo. Meu trabalho hoje, como professora, liderança, mãe, avó e tia, é fazer o reencontro e recuperar as demandas culturais que estavam adormecidas dentro de nós. Fomos oprimidos e obrigados a não praticar a nossa cultura, falar sobre a nossa história e sobre o fortalecimento da nossa identidade. Enquanto professora, eu prezo muito esse diálogo com os saberes culturais Kaingang, para que as crianças possam aprender a importância tanto de preservar nossa história e identidade. Conhecer a importância e o papel que as ervas-medicinais têm para nós, Kaingang, e como elas fazem parte do nosso dia a dia, seja na prática da preparação do remédio a partir delas, ou no aprender a ouvi-las. Hoje muitos de nós deixaram de lado e não praticam esses conhecimentos, procurando mais a medicação do não indígena. Nossos antepassados tinham vários conhecimentos a respeito dos animais, procuro mostrar e ensinar a meus alunos que os animais trazem notícia boa ou uma notícia ruim. Sempre preservei esse conhecimento com meus avós da etnia Kaingang e da etnia Terena, eu carrego junto comigo esses saberes que vieram através da minha da minha avó e da minha mãe. Eu tenho um cuidado de repassar esses conhecimentos e fazer com que as crianças possam conhecer o que os animais vêm transmitir para nós. Quando vemos a chegada de um beija-flor sabemos que ele vem trazer uma notícia, seja ela boa ou ruim. Às vezes sua chegada vem para dizer que uma visita chegará em nossa casa. Com as formigas também acontece a mesma coisa, elas vêm no nosso dia a dia, ou em sonhos, e trazem orientações e notícias de algo futuro. As formigas carregam a sabedoria dos nossos kofás (velhos, avós) e temos que saber decifrar o que os animais querem nos dizer. Para isso eu tenho que conhecer a história e as



presenças desses seres tão importante para cultura Kaingang e ajudar a preservar esse conhecimento e conexão com o sagrado.

Climacom - Rayane Barbosa

Na escola vocês trabalham com os cânticos Kaingang e Krenak. A maioria das letras remete à presença dos seres da natureza. Por exemplo, alguns cânticos falam muito do espírito dos rios. Podemos perceber na prática cotidiana, a presença desses seres em nosso dia a dia. Como você se relaciona com os cânticos e como pratica esse respeito e diálogo com as letras e ritmos?

Rosimeire Goiowe

Os cânticos, para nós Kaingang, carregam muito a presença de nossos animais protetores. O cântico é sagrado. Nem tudo que sentimos e vivemos, podemos transmitir diante do cântico, porque o cântico transmite a nossa história, e algumas partes de nossa história são marcadas por muita dor e tristeza. Existem cânticos que foram feitos a partir da perda de nossos ancestrais, seja por luta ou até mesmo pela doença. Entoar o cântico, através do luto e da guerra, é muito triste. Devemos ter o cuidado de transmitir isso para nossas crianças pequenas, para não trazer esse sentimento doloroso no início de sua vida. Já para o jovem, que está na adolescência, primeiro contamos a história de como que aconteceram nossas perdas e guerras, para poder trazer esses cânticos voltado à parte do luto.

Para que eles possam ter o conhecimento e entoar os cânticos, primeiro têm que saber o porquê desses cânticos e o momento certo de entoar. Existem cânticos de alegria, festividades, luta e, também, existem os cânticos que fazemos para a chuva, natureza e rios.

Quando entoamos um cântico de tristeza, não podemos cantar quando estamos alegres ou quando estamos praticando a culinária, pois os espíritos que invocamos, não pode participar quando fazemos essa prática. A história escondida nas letras dos cânticos tem que ser passada para as crianças antes de fazer a prática do cantar, para que possam respeitar e entender a cosmologia do



povo Kaingang, respeitar a história que é contada através dos cânticos. É como aprender a respeitar os ancestrais e os seres da natureza.

Climacom - Rayane Barbosa

Hoje, na escola, vocês têm um livro e um CD gravado com os cânticos Kaingang e Krenak. Em todos esses cânticos houve a participação dos mais velhos Kaingang para estabelecer um diálogo com os seres que estavam sendo chamados, sejam eles humanos ou não humanos. Por exemplo, há cânticos de agradecimento, como o Cântico das Formigas e o Cântico dos Peixes, ambos remetem ao mundo espiritual Kaingang. Como podemos perceber nas práticas cotidianas a presença desses seres? Como você se relaciona com esses cânticos com seus alunos? Como promover essa escuta sensível e respeitosa com os seres espirituais e animais? Como esse trabalho sensível é desenvolvido na escola?

Rosimeire Goiowe

Na escola, costumamos trabalhar com os cânticos na disciplina de língua indígena e saberes tradicionais, buscamos mostrar para eles que devemos ter esse diálogo com os seres da natureza e ter essa ligação com a nossa ancestralidade. Devido a grande demanda e metas a serem realizadas dentro da sala de aula, imposta pelo governo do estado de São Paulo, a prática de entoar os cânticos no horário escolar acabou se tornando uma prática adormecida, pois temos que sempre estar colocando nas plataformas digitais o que estamos fazendo. Como eu disse, temos nosso tempo cronometrado para cumprir as metas estabelecidas. Diante do ensinamento dos mais velhos a respeito dos momentos em quais devemos entoar os cânticos, sempre fazemos essa prática quando a chuva demora muito para vir, nos reunimos e entoamos cânticos chamados Kutê (chuva), sempre com a orientação dos nossos Kofás (mais velhos). Devido a essas novas regras, impostas na educação indígena, entoamos nossos cânticos em datas específicas ou quando estamos reunidos diante de uma causa.



Climacom - Rayane Barbosa

O povo Kaingang utiliza o barro e a argila para a produção de cerâmicas e também para fazer a pintura dos grafismos. No entanto, essa prática deixou de ser recorrente devido ao aumento do desmatamento. A ação do homem começou a impactar na vida dos córregos e rios. Os fazendeiros, nas proximidades das aldeias, usam grandes quantidades de produtos químicos em suas plantações, que prejudicam não só a terra, mas também os espíritos que nela habitam. Sem o devido cuidado com esses seres sagrados, o barro e a argila se tornaram algo de difícil acesso para a realização das práticas culturais. O barro e a argila são considerados sagrados, pois com eles conseguimos fazer cerâmicas, vasos, painéis e até mesmo as casas dos nossos antepassados. Sabemos que, antigamente, nossos ancestrais usavam o barro e a argila juntamente com grama e palha para construir suas casas. Devido à propagação de violência contra nossas matas, rios e territórios, fomos obrigados a buscar outros meios para realizar o ritual da pintura. Aprendemos a trocar experiências com o fruto do Jenipapo, muito utilizado atualmente em nossa comunidade. O processo de trabalho com o Jenipapo envolve um diálogo com o fruto sagrado, desde sua coleta até a preparação da tinta, momento em que invocamos os espíritos que habitam na cosmologia indígena. Como podemos inserir a presença desses seres não humanos, como os encontrados nas árvores, barro, argila e Jenipapo, dentro da sala de aula e do território indígena Vanuîre? É fundamental que a escola seja um espaço de conexão e diálogo com essas forças da natureza, para que os estudantes entendam a importância desses elementos para nossa cultura e espiritualidade.

Rosimeire Goiowe

Os estudantes têm um contato mais forte com a cultura dentro do contexto escolar, porque muitos dos pais de nossas crianças, na infância, foram ensinados por professores não indígenas, que vinham até a aldeia para dar aulas. Durante esse período, os saberes tradicionais e nossa língua materna passaram a se perder aos poucos, assim como o contato com a natureza, os espíritos e as cosmologias que nos conectam com o mundo. Antigamente, não havia na série curricular a obrigatoriedade de disciplinas de saberes tradicionais e do ensino da língua materna. Os professores que vinham lecionar tinham uma visão genérica sobre os povos indígenas, muitas vezes atentos a uma única etnia, como apresentados nos livros didáticos. Eles acreditavam que estavam fazendo o certo, ensinando apenas o que estava escrito no livro. Essa visão contribuiu para um esquecimento



cultural nas gerações passadas, que teve um impacto direto no repasse dos conhecimentos para as novas gerações. Isso afetou profundamente a continuidade de nossa tradição e a preservação de nossos saberes. A partir de muitas lutas, e com a Constituição de 1988, nos apoiamos na lei que garante uma educação diferenciada para os povos indígenas, a criação de escolas dentro das aldeias e a preservação de nossa cultura indígena e suas especificidades. Quando a escola foi construída em Vanuíre, conseguimos resgatar e reintegrar as práticas culturais que estavam esquecidas. Buscamos trazer à tona a história e os saberes que, até então, até os pais dos nossos alunos não conheciam, pois não tiveram a oportunidade de aprender enquanto estavam na escola. Mesmo que a escola fosse na minha aldeia, eu fui uma das que sempre estudei com professores não indígenas. Para aprender sobre minha cultura Kaingang e Terena eu busquei esses conhecimentos dentro da minha casa. Tive o privilégio de viver com pessoas que mantêm a cultura viva no dia a dia. Através delas aprendi tudo o que carrego até hoje, desde o preparo de artesanatos e remédios do mato até a língua materna Kaingang. Hoje, como professora, nossa missão é recuperar e fortalecer os laços com nossos estudantes, para que, no futuro, eles sejam os multiplicadores da história do nosso povo e do nosso território. Sempre converso com eles sobre a importância da natureza e de tudo o que nela existe, explicando que ela é sagrada. Ensinar que, quando quebramos um galho de uma árvore, estamos tirando uma parte da vida dela. Sempre que precisamos retirar algo da mata seja uma flor, uma árvore, um fruto, uma semente ou até mesmo uma erva para curar nosso corpo precisamos pedir permissão, pois ali reside a vida. O barro que era usado para as pinturas dos Kaingang, aqui em Vanuíre, existia em abundância, havia muita argila, que dava para realizar as práticas de pintura e também para fazer os nossos Kukron (panelas), como nossos antepassados costumavam dizer. Com a grande quantidade de plantações ao redor de nossa comunidade, e o uso excessivo de agrotóxicos, o barro e a argila foram se assoreando, misturando-se com areia e produtos químicos, o que fez com que não fossem mais adequados para as pinturas e para a fabricação dos Kukron e pinturas. Hoje, para irmos ao rio pescar, precisamos pedir permissão ao fazendeiro, sendo que antigamente tudo isso era nosso. Antes, nossos ancestrais viviam livremente da terra, mas agora precisamos pedir autorização, criar amizade com os fazendeiros, para quando precisarmos pescar, eles nos deixem passar na porteira. Tudo isso para fazer algo que sempre foi nosso por direito. É muito triste essa situação. Antigamente, nossos antepassados sobreviviam da pesca, mas hoje



muitos estudantes nem conhecem um rio, porque na nossa aldeia não há mais rios. Depois, ainda somos criticados por não saber pescar ou por não ter certos conhecimentos, mas como podemos ter se nos tiraram nossas formas de sobrevivência? Antes, vivíamos do que a natureza nos dava, e agora somos obrigados a viver como os não indígenas. Se nós professores não ensinarmos nossos estudantes a importância da nossa história, chegará um tempo em que eles nem sequer a conhecerão. Sempre digo a eles que tudo é sagrado para nós, e, por isso, devemos pedir permissão, mesmo para tirar uma pequena muda de planta. Tudo tem vida, tudo sente, assim como nós. Lembro-me de quando estava sentado junto com minha saudosa mãe, debaixo de uma árvore. Quando as gotas caíram das folhas, ela disse: "A árvore está triste, ela está chorando". E eu perguntei: "Mas por que ela está triste?". Ela respondeu: "Olhe as gotas... Ela está chorando porque quer a chuva, mas tão cedo não vai chover. Quando as árvores querem água, elas começam a chorar, porque precisa dela para viver, para produzir e para dar frutos". Precisamos entender que para existir vida, existir cultura e até mesmo um povo, precisamos da natureza para tudo. Se não conseguirmos expressar e repassar isso para os mais novos, nossa presença e passada pela terra, não serviram de nada, somos a natureza, porque fazemos parte dela.

ClimaCom - Rayane Barbosa

Precisamos manter esse diálogo com os mais novos, que são a nossa futura geração, para entendermos o quanto é importante ter uma escola dentro dos territórios indígenas. É essencial trabalhar com os movimentos de cura, sabedoria, culinária e grafismos, pois uma educação enraizada no território se constrói através desses diálogos e da coletividade. Em Vanuíre somos sete povos vivendo em um território Kaingang, uma aldeia multiétnica. O conhecimento que se forma dentro da nossa comunidade é um saber coletivo, e todas as crianças carregam as marcas e histórias desses sete povos. Falar sobre isso é fundamental para que não percamos a essência do nosso espírito guerreiro e a dualidade dos irmãos espirituais Kamé e Kairu, que representam o equilíbrio dentro da cultura Kaingang. Da mesma forma, aprendendo com a filosofia da siriema dos Terena, que traz o ensino sobre o fogo, o bambu e a terra, ligado ao conhecimento dos Krenak. Tudo isso faz parte da nossa identidade, e a escola tem um papel essencial na valorização e preservação desses saberes. Falo da importância de termos uma escola viva, porque o ensino não acontece apenas



dentro da sala de aula. Quantas vezes já fomos ao mato buscar ervas medicinais ou matéria-prima para o artesanato. Lembro de fazer essas trocas quando criança, e vejo que ainda acontecem, apesar da presença crescente das ferramentas digitais. A tecnologia, ao mesmo tempo que pode ser uma aliada, também representa uma ameaça, pois impõe metas e regras que distanciam os estudantes da vivência prática do conhecimento tradicional. Hoje, a escola, muitas vezes, se assemelha a uma indústria, uma indústria tecnológica, onde aplicativos quase tomam o lugar dos professores. Essa nova forma de invasão cultural se assemelha ao que aconteceu no passado, quando os colonizadores chegaram com suas imposições e tentaram eliminar as culturas indígenas. Agora, a tecnologia invade as escolas indígenas, dificultando a transmissão dos saberes tradicionais. Estamos sendo ameaçados novamente, não mais pela escravidão ou pelo domínio físico, mas pela era digital. As crianças passam o dia inteiro no celular, muitas vezes perdendo o interesse pela cultura e pelo conhecimento ancestral. Como podemos equilibrar essa realidade e como podemos tirar as crianças da frente das telas e levá-las para aprender com o rio, com a remoção da tinta do Jenipapo, com as histórias dos mais velhos? Essas questões são urgentes para refletirmos, pois preservar nossa cultura é garantir que as próximas gerações conheçam e valorizem a riqueza do nosso povo. Nosso desafio é manter viva a nossa cultura, para que ela não se perca diante dessa nova ameaça invisível.

Rosimeire Goiowe

Eu sempre penso que a era digital tem seu lado bom e seu lado ruim. Ela é boa para quem sabe usar, mas também pode ser prejudicial, porque ensina muitas coisas ruins. Por isso, como pais, professores e avós, precisamos estar atentos ao que nossos filhos estão consumindo e como estão utilizando essa ferramenta. Na nossa cultura, sempre incentivamos os estudantes a pesquisarem não apenas sobre o nosso povo, mas também sobre as culturas de outros parentes. A tecnologia nos leva muito além do que imaginamos, permitindo trocas de conhecimentos valiosos. É por isso que, como professora, sempre procuro indicar bons sites e levar meus alunos a refletirem sobre o uso da Internet. Quero que eles entendam que a tecnologia deve ser usada a nosso favor, para fortalecer e manter viva nossa cultura e nossa identidade indígena. Sempre digo a eles: "A tecnologia é boa para quem sabe usar. Então, vamos usá-la para nos fortalecer, aprender coisas boas e preservar nossos saberes". No entanto, confesso que tenho medo. A tecnologia não está



presente apenas na cidade, mas também invadiu as comunidades indígenas. Nunca imaginei que um dia em nossa aldeia teria acesso a tudo isso. Ao mesmo tempo, a escola nos prende dentro da sala de aula, exigindo que cumpramos metas e plataformas, mesmo quando a internet não funciona bem. Ainda assim, precisamos nos virar para enviar conteúdos e acompanhar as demandas do ensino. É triste perceber que muitos estudantes preferem ficar no celular ao invés de participar das aulas de saberes e da língua indígena, isso não dói apenas no corpo mas sim na alma. Fico imaginando o quão triste nossos ancestrais ficam, ao ver a tecnologia tomando conta dos nossos jovens guerreiros. O celular, para quem não sabe usar com equilíbrio, pode se tornar um vício. É por isso que precisamos mostrar a eles bons caminhos, ensinar sobre nossa identidade e a importância de conhecermos nossa própria história. Afinal, se eu não conheço minha história, como posso valorizá-la? A tecnologia pode ser uma ameaça, mas também pode ser uma aliada. Tudo depende de como a usamos.

ClimaCom - Rayane Barbosa

Vamos falar sobre os sonhos. Os sonhos são um elemento essencial na educação do território e na formação da nossa identidade cultural. Eles trazem ensinamentos, conselhos e direcionamentos, conectando-nos aos nossos ancestrais, aos espíritos protetores, aos animais, às árvores e às plantas. Como aprender a ouvir e interpretar esses ensinamentos, trabalhar com as múltiplas práticas culturais e linguagens que aparecem nos sonhos? E, principalmente, como criar esse diálogo com as nossas crianças? Muitas vezes, um sonho pode ter um significado profundo. Se alguém sonha com a água, isso pode trazer uma mensagem. Se sonha com um passarinho, pode significar outra coisa. Precisamos ensinar nossas crianças a ouvir, interpretar e valorizar esses sinais. O sonho não é apenas algo individual, ele é um meio de comunicação entre nós e o mundo espiritual. Por isso, é fundamental que, dentro da comunidade e da escola, possamos resgatar esse conhecimento e incentivar o diálogo sobre os sonhos, fortalecendo nossa identidade e a conexão com nossa cultura ancestral.

Rosimeire Goiowe



O sonho sempre vem para nos alertar, seja para nos mostrar algo bom ou para nos anunciar sobre algo ruim. Às vezes, quando tenho um sonho, me sento diante da árvore que fica em frente à minha casa e fico observando ao meu redor. Pode ser o canto de um passarinho, o voo de uma borboleta ou o movimento das formigas. Ao observar esses sinais, você começa a entender o que está sendo comunicado. É isso que tento passar para os estudantes na escola. Mas, para que isso aconteça, eles precisam aprender a valorizar o que o sonho nos ensina. Não adianta apenas dizer "sonhei com isso e significa tal coisa", pois isso gera dúvida. Alguns acreditam, outros questionam. É nesse momento que precisamos mostrar o que realmente acontece e como os sonhos se manifestam na realidade. Isso é um trabalho contínuo, como o trabalho das formigas, um passo de cada vez, com personalidade e dedicação. Como professora, mãe e avó, sempre ensino a eles: "Respeite, ouça, observe." Porque é ouvindo e observando que se aprende muitas coisas. O sonho, para mim, é uma orientação, uma forma de guia que vem da natureza. Tudo o que sonhamos está conectado com ela, com os elementos da terra, do céu e dos seres que nela habitam. Por isso, busco sempre entender os sonhos e decifrá-los a partir da própria natureza, que é a fonte de tudo. Isso é o que tento transmitir, valorizando o conhecimento que vem do sonho e o que ele nos ensina.

* Esta entrevista foi feita por Rayane Barbosa Kaingang como parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Educação Territorizada Kaingang: Pedagogias que Brotam do Chão - apresentado como requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação (FE), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação da Profa. Dra. Susana Oliveira Dias.